

Entre Carnaval e cotidiano: uma estética de apresentação pessoal das personas Bate-bolas e Bate-boletes

Between Carnival and everyday life: a personal presentation aesthetic of the Bate-bolas and Bate-boletes personas

Priscila Andrade-Silva¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8075-3050>

Nilton Gonçalves Gamba Junior²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9576-5353>

[**resumo**] Este artigo apresenta um mapeamento da estética do vestir de um grupo de Bate-bolas e Bate-boletes, protagonistas de uma manifestação cultural do Carnaval do Rio de Janeiro. A metodologia e a análise foram originadas com a tese de doutorado, *A persona no cotidiano e a persona no carnaval: Bate-bolas, Bate-boletes e uma pesquisa sobre a cultura do vestir*, cujo embasamento teórico é transversal, realizado a partir do ponto de vista do design, em diálogo com saberes e práticas oriundos de outras disciplinas, como a sociologia e a antropologia. Tal reflexão parte da análise sobre o fantasiar no Carnaval, mas o coteja com o vestir cotidiano e evidencia a relação centro/periferia, levando em consideração a variante de gênero masculino/feminino. A premissa demonstra que o diálogo entre vestuário e fantasia possibilita um percurso interessante para se investigar técnicas de abordagem de um campo de estudo plural pelo designer na área dos estudos da cultura do vestir, considerado como forma de criação de personas que manifestam em sua aparência um recorte da estética do vestir da periferia carioca.

[**palavras-chave**] **Persona. Estética do vestir. Carnaval. Cotidiano. Moda.**

¹ Doutora; Universidade Federal do Maranhão; priscila.a.andrade@gmail.com; <http://lattes.cnpq.br/0332900895866001>

² Doutor; Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; gambajunior@gmail.com; <http://lattes.cnpq.br/6691982448335709>

[abstract] This article presents a mapping of the dressing aesthetic of a group of Bate-bolas and Bate-boletes, protagonists of a cultural manifestation of Carnival in Rio de Janeiro. The methodology and analysis originated from the doctoral thesis, “*The Persona in Everyday Life and the Persona in Carnival: Bate-bolas, Bate-boletes, and a study on the culture of dressing*”, which has a theoretical foundation that is transversal, conducted from the perspective of design, in dialogue with knowledge and practices from other disciplines such as sociology and anthropology. This reflection begins with an analysis of dressing up in Carnival but contrasts it with everyday dressing and highlights the center/periphery relationship, taking into account the male/female gender variant. The premise demonstrates that the dialogue between clothing and costume allows for an interesting path to investigate approaches to a plural field of study by designers in the area of dressing culture studies, considered as a means of creating personas that manifest in their appearance a reflection of the dressing aesthetic of the Rio de Janeiro periphery.

[keywords] **Persona. Dressing aesthetics. Carnival. Everyday. Fashion.**

Recebido em: 24-09-2024.

Aprovado em: 15-11-2025.

Introdução

Este artigo apresenta um recorte da tese *A persona no cotidiano e a persona no carnaval: Bate-bolas, Bate-boletes e uma pesquisa sobre a cultura do vestir* (Andrade-Silva, 2022), do laboratório de pesquisa Dhis (Laboratório de Design de Histórias) do Programa de Pós-Graduação em Design da PUC-Rio, que compartilha a análise sobre a estética de apresentação visual de personas que integram um grupo social localizado na periferia do Rio de Janeiro. A tese tem como tema uma manifestação cultural urbana carnavalesca e desenvolveu um mapeamento estético dessa performance em amplo espectro, ao analisar seus aspectos materiais, processuais e simbólicos. Neste artigo, apresentamos a metodologia e a reflexão desenvolvida para investigar os processos materiais de apresentação pessoal de alguns sujeitos que integram o grupo social de Bate-bolas e Bate-boletes.

Iniciamos com uma breve apresentação da manifestação cultural para contextualizá-la contemporaneamente e demonstrar sua riqueza material e simbólica. Em seguida, trazemos o embasamento teórico do projeto de pesquisa e o modo como dialogamos transversalmente com autores e técnicas de pesquisa de disciplinas como a sociologia e a antropologia, mas a partir do ponto de vista da área do design. Por fim, compartilhamos a dinâmica de imersão no campo e os resultados da análise, que teve foco na descrição individualizada de alguns integrantes da Turma Fascinação quanto às suas relações com o vestir na manifestação e no seu cotidiano.

Contextualização e relevância da manifestação

Bate-Bolas e Bate-Boletes são grupos de fantasiados mascarados cujas performances ocorrem por ocasião do Carnaval. Os primeiros foliões com esse tipo de caracterização começaram a surgir nos anos 1930 (Pereira, 2008, p.39), na região de Santa Cruz, subúrbio do Rio de Janeiro. No início, apenas homens produziam fantasias individuais, isoladas e improvisadas, sempre cobrindo todo o corpo e o rosto para garantir o anonimato de quem as vestia. Ao longo do tempo, fizeram mudanças na produção da fantasia, que hoje é muito mais complexa, demonstrando um histórico de alterações significativas dentro da própria manifestação.

Nos anos 1980, começaram a se organizar em turmas, comandadas por um “cabeça”, o coordenador da produção do festejo e da confecção da fantasia, que passou a ser igual para todo o grupo, de acordo com um tema anual, definido por esse responsável. O tema é uma espécie de enredo, termo usualmente aplicado para falar de Escolas de Samba, mas que já vem sendo empregado pelos protagonistas do rito (Andrade-Silva, 2022). Atualmente, a quantidade de turmas se expandiu e sua localização territorial igualmente. Um levantamento preliminar apontou a existência de cerca de setecentas turmas (Bezerra da Silva, 2023, p. 169) apenas nos bairros periféricos do município do Rio de Janeiro (zona norte e zona oeste), além dos grupos nos municípios de Niterói e São Gonçalo, na Baixada Fluminense e em outras regiões do estado, mas acredita-se que a quantidade real alcance ainda um número maior – e cada turma pode conter de uma dezena a três centenas de integrantes.

A fantasia ainda mantém aspectos estruturais de suas origens: ser majoritariamente usada por homens, ser composta sempre por um macacão ou veste volumosa, uma máscara telada com peruca e capuz, meias e luvas. Esses itens podem variar bastante em modelagem, cores, desenhos, estampas e materiais. Além disso, a fantasia é acompanhada por adereços e acessórios – como sapatilha ou tênis, colete ou casaca, bola, bandeira, sombrinha – e enfeites de mão – como leque, bicho de pelúcia, luvas, meias etc.

Os aspectos materiais da indumentária e os acessórios relacionados a ela vêm se expandindo em repertório, gerando variações nos estilos de fantasias. Desde os anos 1980, a quantidade de turmas e a sua heterogeneidade só aumentam. Hoje, dividem-se em duas grandes classificações: as mais tradicionais, que usam “bexiga”, e uma variação mais recente, que usa “sombrinha”.

Bate-Bolas é o termo mais coloquial e genérico para nomear todas as variações de estilos de fantasia, carreguem ou não a bola, como descrito acima. O termo mais preciso, tecnicamente, seria “turmas de fantasia”, mas preferimos o primeiro, por ser, de fato, aquele usado pelos brincantes do festejo. Ainda há o termo Clóvis, que ora é usado como sinônimo exato, ora como a possibilidade de descrever variações distintas da tipologia de fantasias dos Bate-Bolas. Subtipos criados nesse percurso histórico de experimentações geram novas terminologias, como “Bujão” ou “Capa”.

FIGURA 1 – ESTILOS DE FANTASIAS DE BATE-BOLAS.



FONTE: Acervo Dhis PUC-Rio.

Há alguns anos, a manifestação passou a dividir espaço com as mulheres. Elas usam as chamadas vestes de Bate-boletes ou “fantasia feminina” (quando não há bola). Segundo os brincantes, elas surgiram provavelmente a partir dos anos 2010. Após o primeiro contato da pesquisa com as Bate-boletes, percebeu-se o quanto suas fantasias eram diferentes daquelas usadas majoritariamente pelos Bate-bolas e chamou muita atenção o fato de que a maioria não esconde seus rostos com máscaras. Além das diferenças formais e estéticas, os papéis desempenhados por homens e mulheres, no festejo, se distinguem, ainda que comportem muitas similaridades. Essa observação foi identificada como uma oportunidade rica para se entender as questões relativas à estética de gênero, no âmbito da manifestação, isso porque muitas características da aparência desses brincantes são compartilhadas por ambos os gêneros, apesar de também diferirem em numerosos aspectos. Analisar a presença feminina tão recente, então, mostrou ser um objetivo inovador para o campo e a tese que originou este artigo trouxe o tema pela primeira vez.

Diálogo transdisciplinar e transversal

Logo de início, detectamos que o ritual incorporava novidades com frequência, o que valida a importância da pesquisa, que pretendeu atualizar a narrativa sobre o festejo que se configura como um amplo tema de pesquisa. Constatou-se que seria fundamental desenvolver ações de campo e que elas muito se beneficiariam do método etnográfico, notoriamente utilizado pela antropologia, mas que pode colaborar para reflexões na área do design, quando se trata de entender um grupo social.

Dentre as ações da prática etnográfica, destacamos a importância da seleção dos sujeitos da pesquisa. Nossos interlocutores sempre foram vistos como “amigos em potencial”, conforme descreveu Jean Rouch, em sua “antropologia compartilhada”, que seria o conhecimento ou o produto gerado do encontro com os interlocutores (Gonçalves, 2008), o que nos empenhamos para realizar. Com uma metodologia que pode contribuir para a análise de processos identitários na relação com a moda e o figurino, realizamos um recorte no diálogo entre o ritual e o cotidiano, sempre levando em consideração as situações de uso relacionadas com objetos vestíveis e artifícios de manipulação da estética corporal.

Percebemos que esta análise, que investiga ao mesmo tempo o vestir ritual e o vestir cotidiano, poderia constituir uma rica oportunidade para se delinear a identidade do grupo e a singularidade dos seus integrantes. Tal abordagem se encontra em sintonia com o que propõe Roberto DaMatta, no livro *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro* (1997). O autor valoriza o interesse em discutir e estudar as peculiaridades de nossa sociedade para carnavais e procissões, quando o tempo fica suspenso e uma nova rotina se repete e se inova, em relação às questões do dia a dia (DaMatta, 1997, p. 18). E ele continua, afirmando que os rituais:

[...] inventam e sustentam personagens culturais (...) daí porque estes eventos servem, sobretudo na sociedade complexa, para promover a identidade social e construir seu caráter. É como se o domínio do ritual fosse uma região privilegiada para se penetrar no coração cultural de uma sociedade, na sua ideologia dominante, no seu sistema de valores (DaMatta, 1997, p. 29).

Nos rituais, os indivíduos que dele participam se utilizam da dramatização, ao unir performance e apresentação de si para colocar em foco algum aspecto e, assim, “transformá-lo em instrumento capaz de individualizar a coletividade como um todo, dando-lhe identidade e singularidade (DaMatta, 1997, p. 36).

Apesar de esse olhar de DaMatta suscitar uma interpretação de que há uma divisão clara entre o cotidiano e o rito, nossa pesquisa deixa claro que não. Embora se constituam como práticas tensionadas por ações e objetivos diferenciados e a ruptura no calendário seja um fator determinante, as práticas não são necessariamente excludentes na integralidade. O que nossa análise demonstra é que existe uma transversalidade entre ambas as práticas e respectivos projetos de apresentação pessoal empregados no cotidiano e no carnaval.

No livro *Design e Histórias I* (2013), Nilton Gamba elabora sobre os aspectos epistemológicos e respectivas técnicas de investigação, ao colocar em diálogo materialidades e subjetividades. O livro apresenta o conceito de “design de histórias”, considerando que muitos dos fazeres do design (moda, figurino, mídia e produto) unem a narrativa – incluindo a criação ficcional e a comunicação de reminiscências – e o método projetual. Sinaliza que toda experiência tem uma dimensão trágica, que ajuda a organizar a narrativa na “tentativa de solução para a absoluta não comunicabilidade da experiência finda – seja para o outro, seja para si mesmo.” (Gamba, 2013, p.13). Portanto, a narrativa não apenas elabora ficções, mas também comunica experiências. Desse modo, o campo do design pode se beneficiar dos estudos sobre narrativa, por meio de muitas linguagens, inclusive não textuais. E o que é narrado (fatos e ficção), muitas vezes, é expresso visual e materialmente. A “pesquisa em design de histórias se coloca exatamente nessas áreas de conhecimento que não só falam de comportamentos, hábitos e cultura, mas especialmente da materialidade, da imagem como veículo de conhecimento” (Gamba, 2013, p. 20). Assim, a produção de conhecimento científico no campo do design se faz legítima para o estudo da experiência narrativa, ao mesmo tempo em que interdisciplinar. Além disso, o instrumental teórico e técnico empregado considera a empiria de forma “mais plástica”, o que permite reavaliar leituras de dados qualitativos.

O que pretendemos abordar com o estudo de narrativa e personagem/persona é a sua contribuição para um olhar investigativo que conjuga materialidade e subjetividade, para decodificar a cultura do vestir. Entendemos que um personagem que se revela na narrativa, ao mesmo tempo em que elabora a narrativa de experiências inexoravelmente findas, para lhe conferir sentido e continuidade, elabora seu próprio personagem, para que suas ações façam sentido no cenário onde ele performa na vida pessoal e em grupo. Se elaboramos a narrativa da experiência, elaboramos também o personagem.

Uma das técnicas da pesquisa de mercado em design é a criação de persona (Gasca, 2014). Consiste em “inventar” uma espécie de arquétipo, a partir de dados de pesquisa de um segmento de público consumidor. Ou seja, as informações que descrevem a persona criada não são falsas, mas se baseiam em estatísticas, dados demográficos e na soma de observações coletadas. A essa persona não é preciso corresponder uma imagem única e, por isso, a descrição do seu perfil deve ser completa. Os dados incluem idade, endereço, formação, parentesco e estado civil. Também se contextualizam ações, lugares que frequenta, como se diverte, necessidades, crenças, valores e desejos. Unem-se análises etnográficas (características do setor social), biográficas (histórias de vida) e semiológicas (análise da expressão

material). Essa técnica híbrida ajuda na visualização mais profunda de um campo e, posteriormente, como ponto de partida para a fase de ideação de projetos mais responsáveis. E, na fase de desenvolvimento de alternativas projetuais, elas são confrontadas com hipóteses sempre cruzadas com o perfil da persona e seu contexto social, para confirmar sua validação.

Diferentemente do estudo ficcional, as personas desta pesquisa são reais, traduzidas e interpretadas. Estamos denominando-as de personas sociais e elas são visualizadas através da materialidade do vestir e da apresentação de si, como produção estética que espelha a subjetividade nesse momento do estudo, pois entendemos que estamos revelando não somente o seu perfil, mas também o retrato de um período. Esse processo de entendimento das personas sociais se assemelha, de acordo com Bakhtin (1997), ao processo da criação de “heróis” no âmbito da ficção literária. Para o autor, ele se basearia em conhecimentos por vezes autobiográficos e definiria em profundidade as características de aparência, comportamentos e personalidade, até atingir um momento de tal coerência e completude que esse herói se separaria do seu criador. Narradas as situações que o herói vivencia, ele age “independente” do autor. Assim, também, personas sociais, como as ficcionais, se enredam por papéis mais ou menos articulados em sua consciência.

O conceito de “exotopia” (Bakhtin, 1997) colabora na análise da ficção e também em analogia à vida real. Diz respeito à nossa capacidade de, com empatia, assumir a visão do outro e conferir finitude e completude, tanto às pessoas quanto ao entendimento das motivações de suas produções estéticas.

Daí decorre diretamente a fórmula geral do princípio que marca a relação criadora, esteticamente produtiva, do autor com o herói, uma relação impregnada da tensão peculiar a uma exotopia — no espaço, no tempo, nos valores — que permite juntar por inteiro um herói que, internamente, está disseminado e disperso no mundo do pré-dado da cognição e no acontecimento aberto do ato ético; que permite juntar o próprio herói e sua vida e completá-lo até torná-lo um todo graças ao que lhe é inacessível, a saber, a sua própria imagem externa completa [...] (Bakhtin, 1997, p. 34).

Conforme Gilberto Velho (2004), o indivíduo, nas sociedades complexas, transita por diferentes “províncias de significados”, relacionadas aos ambientes de trabalho, festa, lazer etc. (Velho, 2004, p.33). O autor desenvolve o conceito de “projeto de vida”, que é realizado pelo indivíduo ao acionar ações, trejeitos, falas para atuar nesses ambientes. A aparência de um indivíduo, o modo como ele se veste são essenciais para a interação social. Além do tratamento estético do corpo, a escolha do vestuário confere uma aparência específica para os indivíduos no desempenho de seus papéis sociais. Mesmo considerando o fato de o autor não ter abordado a aparência, parece-nos que seria interessante ampliar o conceito de “projeto de vida”, de modo a abarcar o processo de dar visibilidade à subjetividade através do vestir e da produção de uma imagem social. Entende-se que essa aparência não seja, necessariamente, estável, mas é relacional com o indivíduo, que aciona um repertório simbólico através das escolhas mais ou menos conscientes para o seu vestir, para transitar pelas províncias de significado.

Podemos, ainda, dialogar com outros autores sobre a questão da importância de se criar uma narrativa para dar sentido à vida e à persona ou personagem social. Assim, Diane Crane (2006) afirma que, para expressar determinada persona, o consumidor pós-moderno sabe identificar, interpretar, discriminar, entre as várias alternativas, interpretando códigos e relacionando identidade com espaços que ocupa para trabalho e lazer.

O indivíduo constrói um senso de identidade pessoal ao criar “narrativas próprias” que contenham sua compreensão do próprio passado, presente e futuro. Essa compreensão muda continuamente através do tempo, conforme ele reavalia o seu “ideal” segundo suas percepções variáveis de seu eu mental e físico, com base em experiências passadas e presentes (Crane, 2006, p. 37).

Outro autor interessante para este diálogo é o sociólogo Erving Goffman (1999), que faz uma analogia entre realidade e ficção e aponta a importância de representar e interpretar personagens para a interação social. Em cena, um ator se apresenta sob as características de um personagem, interage com outros personagens e a plateia constitui um terceiro elemento dessa interação. Já na vida real, as pessoas adaptam seus papéis de atuação aos papéis dos outros personagens presentes, que constituem, ao mesmo tempo, a plateia. No livro *A representação do Eu na vida cotidiana* (Goffman, 1999), o autor cita Robert Ezra Park³:

Não é provavelmente um mero acidente histórico que a palavra “pessoa”, em sua acepção primeira, queira dizer máscara. Mas, antes, o reconhecimento do fato de que todo homem está sempre e em todo lugar, mais ou menos conscientemente, representando um papel... É nesses papéis que nos conhecemos uns aos outros; é nesses papéis que nos conhecemos a nós mesmos. (...) Em certo sentido, e na medida em que essa máscara representa a concepção que formamos de nós mesmos – o papel que nos esforçamos para chegar a viver – esta máscara é o nosso mais verdadeiro eu, aquilo que gostaríamos de ser. Ao final, a concepção que temos de nosso papel torna-se uma segunda natureza e parte integral de nossa personalidade. Entramos no mundo como indivíduos, adquirimos um caráter e nos tornamos pessoas (Park, 1950, p. 249-250 citado por Goffman, 1999, p. 27).

Gillaume Erner é um sociólogo francês que, igualmente, dialoga conosco, afirmando que os indivíduos contemporâneos não são vítimas da moda, mas, sim, precisam assumir uma aparência para se situar em relação a si mesmos e aos outros. A moda oferece opções para que o indivíduo se torne ele próprio, conjugando entre imitação e distinção (Erner, 2005, p. 220). Em sintonia com Gamba (2013), o autor nos fala da necessidade da ficção. A escolha de um estilo, marcas e objetos faz parte do jogo social, que permite transformar a aparência em narrativa e satisfaz a necessidade do ser humano de narrar e ouvir histórias. As marcas e modas são como fábulas que os adultos podem acessar. Erner remete ao filósofo

³ Robert Ezra Park, *Race and Culture*, Glencoe, III, The Free Press, 1950.

Paul Ricoeur, que diz que “a identidade é inseparável da narrativa⁴”. Temos necessidade de explicar a realidade com histórias (Erner, 2005, p. 236-37).

Encenar a própria história coloca o indivíduo numa postura lúdica em relação ao mundo e esse é o tema do livro *A Moral da Máscara*, de Patrice Bollon (1993), ao abordar a postura de sujeitos que contam ficções com seus estilos de vida. Para o autor, a aparência funciona como um “paraíso artificial”, onde as dificuldades do real, como por milagre, são abolidas. Aos poucos, nos tornamos o que apresentamos de nós, aos poucos nossa máscara se torna nosso próprio rosto.

Os estilos são projeções simbólicas, fantasmas e sociais que não descrevem verdadeiramente a realidade, mas a imaginam, a reinventam com suas cores. São ficções que contamos aos outros e a nós mesmos, representações que, mais do que uma “realidade”, se referem umas às outras (Bollon, 1993, p. 223).

(...) Aqueles que recorrem à aparência como modo de expressão e resistência procuram transfigurar suas vidas, criando completamente para si um mundo e uma identidade de sonho. Eles representam suas próprias vidas. Suas existências são um permanente espetáculo de existências. Indivíduos também desdobrados, eles contam para si próprios e para os outros uma história, uma ficção, que eles interpretam (Bollon, 1993, p. 229).

O interessante é que, em todos estes autores que aqui aproximamos, existe uma analogia com máscara como metáfora para a representação de persona social e, nesta pesquisa, aproveitamos a oportunidade de analisar o Carnaval como momento de criação cultural, realizada pelos fantasiados que performam o rito e contam com a máscara como acessório essencial para expressão de identidade, na verdade transmutação liminar entre persona do cotidiano e persona do rito, como pontua Michel Agier (2011):

Estabelecem-se, assim, o espaço e o tempo de uma “segunda vida”, ou seja, um espaço-tempo liminar em que se experimenta um momento de duplicação de si mesmo. Pois esta duplicação é ela mesma dupla: é, ao mesmo tempo, uma duplicação de contexto, porque criamos um espaço-tempo diferente, fora da vida quotidiana, e também uma duplicação de si mesmo, pois é preciso se colocar “fora de si” para existir sob uma máscara diferente daquela social que faz a pessoa existir em seu cotidiano (Agier, 2011, p. 42).⁵

Metodologia de análise do projeto de vestir

Para apresentar cada persona social, começamos com a realização dos vários “mapas” de análise da produção do festejo, da performance dançante, da vestimenta e da fantasia, com

⁴ O texto que Erner comenta de Paul Ricoeur é o *Temps e Récits*, coleção Points Essais, vol. 1, Paris: Seuil, 1991.

⁵ Tradução nossa.

o emprego de diversas ações de campo: observação participante, entrevistas, pesquisa-ação como integrante de grupo – seja vestindo a fantasia ou saindo com as turmas – sempre acompanhado por registros audiovisuais de alta qualidade. Em seguida, sobrepusemos a camada da história social desse indivíduo para entender suas trajetórias, motivações e referências de vida, pois entendemos que tais personas se definem na dialética entre cotidiano e festa. Para isso, foram realizadas entrevistas em profundidade, para que pudessem narrar algumas de suas histórias pessoais, falar do passado, de planos futuros e dos “projetos de vida”, assuntos possibilitados pelo vínculo de amizade e de confiança mútua que estabelecemos em etapas anteriores.

A amostragem obedeceu a um limite da metodologia, que envolveu, anteriormente, imersão geral no ritual e, portanto, muito tempo de realização. Seguiu-se a análise aprofundada de personas sociais com uma amostragem de quatro brincantes. Um parâmetro foi a possibilidade de se ter uma representatividade dos dois gêneros em proporção – dois homens e duas mulheres. Era fundamental incluir o líder de turma e os demais sujeitos foram selecionados por se destacarem em algum aspecto do vestir, mas, sobretudo, pelo vínculo de amizade com eles estabelecido ao longo dos nossos encontros e pela disponibilidade para a dinâmica. Estes indivíduos, juntos, constituem uma amostra de seu grupo social, que, pertencendo a uma sociedade complexa, compartilham visões de mundo, ao mesmo tempo em que transitam por diferentes espaços, exercendo suas singularidades.

Realizamos uma reflexão sobre a identidade visual resultante da apresentação pessoal, em cruzamento com suas subjetividades, que buscamos acessar em entrevistas e na convivência em muitos eventos. Seus nomes são revelados com seu consentimento, após verificarem o conteúdo aqui exposto. Neste sentido, empregamos a metodologia de design participativo em todas as etapas, incluindo a leitura final e a aprovação da narrativa elaborada, como se encontra publicada. Assim, apresentamos quatro integrantes da turma Fascinação: Buda, “cabeça da turma”, é um “paizão”, com personalidade lúdica e divertida; Henrique parece viver o Carnaval o ano todo; Amanda deixou de ter medo de Bate-bolas para se tornar um deles; e Cláudia, que vive o Carnaval desde a infância.

O roteiro das entrevistas, sempre aberto e semiestruturado, teve sua elaboração inspirada na pesquisa de Jessé de Souza para o livro *Ralé brasileira: quem é e como vive* (2009). Entrevistas, por vezes, puderam ser estimuladas por dinâmicas ou por outras entrevistas com temas correlatos, como processos produtivos. Ao longo do desenvolvimento dessas “outras” conversas, foram trazidas à tona histórias de vida com muitos aspectos da trajetória pessoal.

Referimo-nos aos entrevistados pelo conceito de persona social, entendendo que todos nós, de forma mais ou menos consciente, criamos nossos “personagens” para transitar pelos grupos dos quais fazemos parte. Para esta pesquisa, tiramos partido da observação do Carnaval como uma janela do cotidiano, que nos deu a oportunidade de comparar o personagem do ritual com o personagem do dia a dia, o que ocorreu em outros encontros, ao longo do ano. A dimensão ficcional ou social da criação de personas ganha fértil campo de estudos na vida desses sujeitos com essa experiência dupla em relação ao vestuário.

Ao realizarmos as análises, percebemos que poderíamos criar categorias visuais para descrever as personas, para as quais essas categorias não são as mesmas. Por vezes, determinados elementos, características, gostos e preferências são comuns entre elas, mas ganham distintas relevâncias. Percebemos que existem sobreposições das características e que elas não se excluem. Ao contrário, se atravessam e, eventualmente, alguns de seus

aspectos podem ter mais força e ganhar mais importância na descrição, como observaremos adiante. Vale destacar que as entrevistas foram importantes para o entendimento das motivações que levam esses brincantes a se fantasiarem de Bate-bolas e Bate-boletes no Carnaval e também dos valores relacionados ao estilo de vestir cotidiano.

FIGURA 2 – DA DIREITA PARA A ESQUERDA: BUDA QUANDO JOVEM, HENRIQUE EM UMA RESENHA, AMANDA COM A FANTASIA DE BATE-BOLA E CLAUDIA (NA ESQUERDA) COM AS FASCINET'S.



FONTE: Acervo Dhis PUC-Rio.

Buda: a faixa etária e de gênero e a dimensão mística

Anderson de Souza Mangorra⁶ nasceu em 1974 e passou a infância em Realengo. O apelido, Buda, ganhou na época da escola, porque já era considerado um pouco “acima do peso” e gostava de sentar com as pernas cruzadas, como se caracterizam as representações do mestre da filosofia oriental. Fundou a Fascinação, em 17 de abril de 1998. O primeiro tema da sua turma foi o *Wolverine*, um dos heróis da *Marvel*.

Buda adora cinema e tem uma lista de filmes para assistir: *Aladdin*, *Rei Leão I e II* etc. Seu sonho era viajar para os parques da *Disney*, quando completasse 45 anos. Adora super-heróis, como os *X-Men*, principalmente o *Wolverine*, versão mutante do *Logan*, personagem com superpoderes que, segundo ele, diferem dos poderes normais, como voar e lançar raios.

Os temas das fantasias da sua turma, ano a ano, refletem esse gosto pelo universo infantil da cultura de massa norte-americana. Entre outros temas que a turma já teve estão *Tundercats*, *Mortal Kombat*, *Magneto*, *Mickey Pirata* e *Wolverine* muitas vezes. Buda não gosta de retratar a realidade nas fantasias e, como cabeça da turma, é sempre ele quem propõe os temas, preferindo que sejam relacionados ao universo infantil, pois são mais coloridos e divertidos.

Podemos nos questionar se o retorno a temas infantis na fase adulta indicaria exclusões dos sistemas de consumo de parte dessas produções, como assistir aos filmes, mas não ter acesso aos produtos licenciados ou não visitar os parques temáticos na infância. Esses são alguns exemplos da interação dúbia que envolve imersões e exclusões simultaneamente,

⁶ A análise completa sobre o Buda inicia-se na página 92 da tese.

mesmo que Buda mostre uma visão idílica de sua infância, ao nos relatar que essa época foi maravilhosa, o que contribui para se encontrar, em sua fala, uma hipervalorização dessa fase da vida, sobressaindo a visibilidade de uma avaliação positiva. Sua história pessoal, entretanto, traz um aspecto social recorrente na cultura masculina e que encontramos em vários dos sujeitos dessa pesquisa, qual seja, uma permissividade maior para o lúdico, na idade adulta, quando as brincadeiras e padrões da infância tendem a se manter lícitos para homens que permanecem adorando super-heróis, jogos e personagens infantis, com modelos de consumo bem distintos dos grupos femininos. As experiências podem ser lidas como se, finalmente, como adulto, ele pudesse se apropriar do sonho infantil, e tivesse, finalmente, poder aquisitivo para isso.

Quanto ao vestuário, identificamos esse repertório do mundo infantil igualmente nas suas roupas cotidianas e nos *kits*, as roupas e acessórios usados junto com a fantasia. Podem ser desde bermudas e camisetas para usar debaixo da fantasia até porta-copos e porta-celulares, todos identificados com o enredo e a estética do ano.

A representação do universo da indústria de massa voltada a crianças e jovens, presente nas fantasias de Carnaval, e o ritual ligado a liberdades, inversões e vivência de outros papéis sociais se prolonga no dia a dia, como consumo de entretenimento, de uma forma geral. No caso do Bate-bola, por usar máscara e vestir uma roupa que oculta todo o seu corpo, propicia-se esse lugar para a representação, ao esconder a identidade. Mas não que essas experiências não atravessem o cotidiano.

Antes mesmo de ser questionado sobre o assunto, Buda enumerou seus ídolos para o vestir. Falou que admira muito o estilo do Marcelo Falcão – ex-vocalista d’*O Rappa* – e do Mano Brown – *rapper* do *Racionais MC’s* –, até mais que as músicas. Também mencionou Will Smith, ator e *rapper* norte-americano: “*Will Smith também é boa pinta e muito elegante, mas terno, pra mim, só em casamento!*”.

É consumidor da estética do *rap* e do *hip hop* porque gosta do estilo muito marcado por roupas de modelagens amplas, estilo esportivo que faz referência aos uniformes de basquete americano e que usa muitos acessórios, como bonés, óculos de sol e joias robustas, como o pingente com a silhueta de um Bate-bola e o anel personalizado com uma letra F em relevo.

Os mesmos temas das fantasias inspiram a produção dos *kits* de fantasia, cujo uso não é exclusivo no Carnaval, pois se faz presente no vestir cotidiano. As regatas e bermudas do *kit* lembram, igualmente, os uniformes de basquete, devido à modelagem e ao material empregado na confecção. Possivelmente, essa soma da estética do esporte com a do *Rap* confere o valor ao tênis de marca autêntico, do qual faz questão. Em várias ações de pesquisa de campo, acontecidas fora do período carnavalesco, notamos que vestir a regata do *kit* é recorrente. Buda possui muitas regatas de *kit* com estampas do *Wolverine* e do *Logan*, tema frequente para as fantasias da Fascinação. Um exemplo de atravessamento entre vestir cotidiano e vestir para o ritual, com as roupas do dia a dia trazendo a sua memória.

Ele sempre veste acessórios: bonés, colares, medalhas, braceletes e óculos de sol. Esses itens, que fazem parte também do repertório do vestir cotidiano, compõem os *looks* dos seus ídolos.

Com relação à notável preocupação com a produção da aparência, perguntamos sobre os seus cuidados com cabelo e barba, ao que respondeu:

O cavanhaque é o poder do homem. Um homem sem cavanhaque não é ninguém. Corto, há muitos anos, com uns irmãos angolanos. Uma dupla. Eles são um barato e cortam do jeito que a gente quer. Tem um detalhe do pé do cabelo. A geometria do quadradinho. (...) Tem que ser. Cabelinho na régua.

É interessante perceber que essa materialidade típica do Carnaval convive com devoções místicas. Na pesquisa de campo, constatamos uma forte devoção a São Jorge, da Igreja Católica e de vários cultos sincréticos. Buda se diz católico não praticante e sua maior devoção é por São Jorge. Em 2015, São Jorge foi tema da turma *Fascinação*, mas dois de seus integrantes não aceitaram o tema e suas casacas foram exclusivas, com a estampa do Wolverine. Buda possui um medalhão de prata com o santo, assim como várias regatas cuja estampa o representa, e pretende fazer uma tatuagem como a imagem do santo.

Henrique e o Carnaval entre carnavais

Henrique Sousa Lima Fernandes⁷ nasceu no Rio de Janeiro, em 1991. Sempre morou em Rio das Pedras, bairro da Zona Oeste do Rio de Janeiro, caracterizado por grande desigualdade social, evidente no contraste entre os condomínios de casas de classe média e alta e a favela, na divisa entre os bairros de Jacarepaguá e Itanhangá.

Em 2012, começou a sair com a Turma Escandallo, de estilo sombrinha, original de Rio das Pedras. A turma era composta somente por integrantes masculinos, que, ao longo do ano, frequentavam festas diversas. Em 2022, Henrique mandou fazer uma bandeira para homenagear o pai, que faleceu no início daquele ano, e usou-a na saída da Desorientados, turma que integra, atualmente, na comunidade onde reside. A bandeira apresenta uma fotografia do pai, em uma fotomontagem, portando asas como um anjo e, de cada lado, uma imagem de Jesus Cristo, com os dizeres “*Te Amo Pai: Sentirei eterna saudade do meu pai, que se foi cedo demais. Até um dia, meu herói*”.

Sobre a sua relação com a Turma Fascinação, começou com uma história de fã. Ele costumava acompanhar vídeos do YouTube nos quais o Buda aparece. E uma vez, numa festa em Jacarepaguá, em 2013, ele observou que Buda estava presente como jurado, para uma premiação das melhores fantasias, e se apresentou ao ídolo. Quando, em 2014, a Turma Escandallo acabou, ele começou a sair na Fascinação e integra a Turma até hoje, desde 2015.

Há cinco anos, Henrique trabalha com serviços gerais em um condomínio na Barra da Tijuca. Ele trabalha uniformizado, mas somente veste o uniforme quando chega no serviço. Para o deslocamento entre a residência e o local de trabalho, normalmente usa uma camiseta de turma de Bate-bolas e uma bermuda estilo surfista. Possui mais de 50 camisetas de Bate-bola, de várias turmas, pois é um hábito entre os brincantes trocar de camisa nos encontros que se sucedem ao longo do ano e manter as camisetas como espécie de *souvenir* do evento.

⁷ A análise completa sobre o Henrique inicia-se na página 102 da tese.

Além das camisetas e regatas que fazem parte do *kit* da fantasia, ele compra outras peças. A maioria da “marca” Fascinação, e assim, praticamente, adquire todos os lançamentos. Ele também acaba revendendo camisetas da Fascinação, principalmente na academia de esporte que frequenta. Quando faz suas compras de tênis e roupas, sempre opta por originais, geralmente em lojas *online*, adquirindo marcas como Asics e Nike, que dizem ser muito confortáveis.

Com relação aos temas anuais das fantasias da Fascinação, ele aprova todos. Acabou se tornando fã do Wolverine e tem dois quadros com esse personagem na decoração do quarto do filho. Quando indagado sobre outros personagens que admira, ele diz que não tem muito tempo de parar para ver filmes e acaba não tendo muitos ídolos, a não ser os “personagens da vida real”, cabeças das turmas que ele admira.

Gosta de filmes de terror, mas não memoriza quem são os artistas que interpretam os personagens. Escuta músicas, mas não é muito de seguir os cantores nas mídias sociais. Não os conhece pela aparência, somente escuta estilos musicais variados, como *hip hop*, samba, axé e sertanejo. Também não se liga em religião, mas tem as tradicionais camisetas de São Jorge na sua coleção.

Ele se diz vaidoso e, recentemente, começou a pintar o cabelo de preto, para esconder os primeiros fios grisalhos. Quando nos conhecemos, no Carnaval de 2018, ele usava o cabelo descolorido. Esse tipo de cabelo platinado foi muito observado nas ações de campo no subúrbio, usado tanto por crianças como por adultos. Para o Carnaval de 2022, ele optou por platinar somente a barba.

Ao analisarmos o guarda-roupa de Henrique, percebemos que a grande maioria das peças de vestir que ele possui se compõe dos *kits* de fantasias, regatas Fascinação e de outras turmas, adquiridas por trocas com colegas, e camisetas de grupos como o História do Clóvis.

Entre um Carnaval e outro, ou seja, ao longo do ano, os momentos de lazer se resumem a encontros de família, resenhas das turmas de que participa e resenhas do grupo História do Clóvis. Na maior parte desses compromissos, ele se veste como mais gosta, com regata de Bate-bola, bermuda e tênis. Tem algumas calças, bermudas, camisetas com estampas e alguns pares de tênis menos esportivos e um par de sapatos pretos, que diz ter usado uma única vez. Ou seja, estas outras roupas, que não remetem ao Carnaval, ele quase não usa. Já das regatas e camisetas de Bate-bola, ele lembra de cor o ano de cada uma. O seu estilo de vestir parece fazer o Carnaval se prolongar ao longo do ano.

Amanda, mulher ativista

Amanda Luiza Jorge Barbosa⁸ nasceu em 1992 e sempre viveu em Campinho, bairro adjacente a Oswaldo Cruz. Conhecer os Bate-bolas na infância a fez crescer com medo deles, devido ao fato de, durante a performance, àquela época, ser comum os mascarados perseguirem e darem bexigadas para assustar as crianças. Depois disso, quando foi ficando mais velha, sempre ouvia as notícias que a mídia divulgava sobre violência envolvendo Bate-bolas e isso, conforme afirma, criou nela uma visão estigmatizada, que depois, já adulta, resignificou.

⁸ A análise completa sobre a Amanda inicia-se na página 110 da tese.

Na escola, era da “turma do fundo”⁹, com os meninos, mas se descreve ao mesmo tempo como “nerd”. Fazia bagunça, mas prestava atenção. Uma professora sempre lhe emprestava livros, para que ela pudesse se aprofundar ou estudar outros assuntos. Foi esta professora a sua inspiração para cursar a graduação em história, curso que completou em 2019, com TCC (trabalho de conclusão de curso) sobre Bate-bolas.

Aos quinze anos engravidou do namorado, Júlio. Ela jamais teve orientação sobre educação sexual, na escola ou em casa. Quando desconfiou de que estava grávida, contou para a mãe. Com o resultado positivo, a mãe logo a apoiou, enquanto o pai levou um pouco mais de tempo para aceitar. Contando com o apoio da mãe, principalmente, completou os estudos. Os pais não a obrigaram a se casar e o namoro durou dois anos.

Quando sua filha, Ana Júlia, estava com dois anos e meio, Amanda começou a namorar Fabrício, conhecido como FB, o braço direito do Buda na administração da turma Fascinação. Teve receio do que poderia acontecer no primeiro Carnaval que passaram juntos, quando foi acompanhar a saída da turma. Desde então, ela perdeu o medo de Bate-bolas.

No segundo ano de namoro com FB, Amanda saiu de Fascinet’s, mas disse que não se divertiu tanto e não gostou do “*papel de acompanhante*”. Este foi o primeiro ano das Fascinet’s, com cerca de 25 meninas. O tema era Mortal Kombat e, segundo Amanda, “*estava lindo! Mas, de lá pra cá, os namoros e casamentos foram acabando e o grupo feminino foi se dispersando*”. De uma forma geral, o componente que primeiro participa da turma é masculino e as mulheres entram em um segundo momento, ao se relacionarem com um dos homens, sendo quase um padrão o fato de que quando um relacionamento acaba, a mulher deixa de integrar a turma.

Em 2010, Amanda e as amigas Thais e Monique, respectivamente namorada e esposa de outros integrantes, vestiram a “fantasia masculina”. O tema era São Jorge, em comemoração aos 15 anos da turma Fascinação. Em respeito à sua religião, evangélica, Buda mandou fazer, somente para ela e outro integrante, uma estampa do personagem Wolverine. Todos os outros integrantes carregavam o santo estampado nas casacas. De lá para cá, ela continuou a sair com a “*fantasia dos homens*”.

Por usar a “fantasia masculina”, ela sente-se até mais motivada a seguir padrões de uma estética de embelezamento considerada feminina. Adora comprar as maquiagens e os tênis em cores que combinem com a fantasia de cada ano. Faz tranças para manter o cabelo “arrumado”, aplica cílios postiços, maquiagem e compra brincos novos, também combinando com as cores da fantasia. Comenta que, quando tira a máscara, ainda causa espanto por ser mulher. Tem orgulho de representar esse papel para as mulheres.

Quando perguntada sobre ídolos, pessoas que admira em geral e como inspiração para se vestir, Amanda respondeu, rapidamente, que não havia ninguém em que se inspirasse para se vestir, mas que admirava algumas mulheres inspiradoras: a mãe, Mary, e a socióloga e política Marielle Franco, por seu legado, por tudo que ela fez por negros, favelados, gays e pobres. Também se inspira na cantora Elza Soares, por suas batalhas como mulher e por sua qualidade como artista.

⁹ Expressão coloquial que se refere aos alunos que posicionam no fundo da sala de aula, grupo formado normalmente por “agitadores menos estudiosos”, em comparação aos alunos “mais aplicados” que sentam nas fileiras da frente.

Salto alto ela usa somente “*se for de enfeite, para ficar sentada*”. Ou usa tênis ou outro calçado de solado plataforma, para ir a uma “*resenha leve*”, no Grupo Amantes dos Bate-bolas. Quando começou a frequentar eventos de Bate-bolas fora da época de Carnaval, vestia *kit* para ir às resenhas, mas, depois, passou a ir de roupa “*normal, para separar um pouco as coisas*”. Diz que faz “*aquela coisa de ligar para as amigas e combinar de ir com o mesmo tipo de roupa*”. Gosta de roupa confortável: short ou bermuda jeans. Se estiver se sentindo magra, veste um *cropped*¹⁰; bronzeada, um tomara que caia ou, se estiver com um pouco de barriga, veste uma blusa larguinha. Conforme descreve, compra em lojas baratas, como Belíssima, Objetiva e Milli Modas. O que compra de mais caro é tênis de Bate-bola e um jeans para durar, para não “*puir entre as cochas*”. Às vezes, compra sapato na Stylo, mas quase sempre só olha o preço, se cabe no orçamento e se é confortável, sem fazer questão de uma marca específica.

Cláudia no dia a dia

Ana Cláudia Aguiar Silva Ribeiro¹¹ nasceu no Rio de Janeiro, em 1971. Ela é a caçula temporã de uma família de cinco filhos, tem um irmão e três irmãs. A família sempre gostou de Carnaval e, todos os anos, a mãe passeava com os filhos na rua, para ver a “*bagunça*” em Nova Iguaçu, um hábito que Cláudia repetiu com seus próprios filhos. Como moravam no centro de Nova Iguaçu, bastava descer o elevador e já estava na Avenida Marechal Floriano Peixoto¹², onde aconteciam desfiles. Assim como seus pais, teve cinco filhos. Cláudia já morou no Morro Azul, favela no Flamengo, mas onde viveu por mais tempo foi em Oswaldo Cruz, bairro que considera como a sua casa. Foi num bar neste bairro que conheceu Diogo, integrante da Fascinação, e estão juntos desde 2017.

Sensibilizou-nos muito ouvir de Cláudia e Diogo a descrição do ambiente onde vivem como um lugar seguro, percebendo que ali o perigo é iminente e muito próximo a eles. E foi nesse contexto que Cláudia compartilhou conosco a história do assassinato de seu filho Thiago, quando tinha apenas 12 anos.

Ela é espírita, do candomblé, e foi apresentada a esta religião por amigos. É filha de Iansã com Oxóssi e, antes de todos os carnavais, faz trabalho para “*pedir às moças e aos rapazes*” pela segurança da turma. Diogo começou a frequentar a religião com ela e, em todos os carnavais, o casal e o filho mais jovem, Lucas, fazem e usam algo para se proteger, uma pulseira ou colar de contas. Acha que um dos momentos mais emocionantes é a reza que antecede a saída da turma, quando oram o Pai Nosso, seguido da Ave Maria, e pedem proteção a São Jorge.

Cláudia pensava que Bate-bolas era “*coisa de briga*”. Não os temia, mas nunca teve muito interesse em observar e admirar as fantasias, pois vivia um “*outro*” Carnaval no Rio de Janeiro. A partir de 2018, começou a acompanhar as saídas da Fascinação. Em 2020, saiu pela primeira vez com a fantasia das Fascinet’s e adorou. A fantasia foi inspirada na história infantil Branca de Neve e os Sete Anões.

¹⁰ Tipo de blusa que seja curta o suficiente para expor a região da cintura, umbigo ou abdômen.

¹¹ A análise completa sobre a Cláudia inicia-se na página 118 da tese.

¹² Principal avenida do município de Nova Iguaçu.

A comparação que ela faz entre desfilhar fantasiada para uma Escola de Samba e sair de Bate-bola é que, na primeira, você tem tempo marcado para atravessar a passarela e, quando termina o desfile, *“aquele momento mágico acaba”*, enquanto como Bate-bola você passa todo o tempo que quiser com a fantasia e, para onde você vai, as pessoas te olham com admiração, te elogiam.

Cláudia parou de estudar no primeiro ano do ensino médio. Conforme afirma, já fez de tudo nessa vida para ganhar dinheiro, menos roubar. Atualmente, trabalha com serviços gerais para uma empresa de reparos em eletrônicos. Trabalha uniformizada – calça jeans, tênis e uma camiseta da firma – e já sai de casa pronta. A calça jeans só usa mesmo para ir para o trabalho ou quando está frio. Quando não está trabalhando, na rua ou em casa, está sempre usando short ou bermuda jeans, raramente *lycra*, e só usa *top* ou *cropped* para ficar em casa.

Não gasta quase nada com compra de roupas. Desde cedo, aprendeu com as irmãs, Teresa e Rosália, que não podiam ir a lojas caras. Hoje, ela diz que pode comprar roupas nas lojas Objetiva e Abusiva, nas mãos de amigas vendedoras, ou com os “colombianos”, camelôs. *“Roupa é a mais barata. Se alguém quiser me dar algo também não me incomodo. Não tenho luxo. Eu faço a minha moda. Hoje em dia, cada uma faz a sua moda. Rico faz a moda, mas eu não sou rica. Sou rica de saúde”*. Quando gosta muito de algo, como uma jaqueta jeans que tem da marca Abusiva, espera entrar em promoção. Cláudia tem um único vestido para as ocasiões mais formais, mas para os eventos, ao longo do ano, e na rotina de casa, gosta de vestir as camisetas da Fascinação. Ela e Diogo compartilham as camisetas e também os tênis que ele compra uma vez por ano como acessório da fantasia de Bate-bola.

Com relação aos cuidados com o corpo, ela segue muitos procedimentos. Adora usar os cabelos trançados e troca o penteado a cada dois meses. Tem cinco tatuagens e quer mais. Seus outros procedimentos estéticos incluem o bronzamento que faz em uma casa de bronze¹³, localizada no mesmo bairro onde mora. Ela faz a marcação com fita adesiva e adora ter a “marquinha” definida. Diz que *“ritual mesmo é com as unhas”*, que faz em fibra de vidro, *“não vive sem”*, pois é super-resistente ao trabalho que executa no seu emprego e às atividades domésticas.

As pessoas que considera como suas referências são ligadas à música e ao Carnaval: a artista Viviane Araújo, Reinaldo, Príncipe do Pagode, já falecido, a cantora Alcione, Raíssa de Oliveira, ex-rainha de Bateria da Beija Flor. Não se inspira em nenhuma celebridade para se vestir, diz que admira suas músicas. Entretanto, gosta de algumas pela forma como se vestem, caso da apresentadora Fátima Bernardes e da jornalista Maju. Admira os cabelos da cantora Ludmilla. Disse, em tom de brincadeira, que queria ser irmã da Ludmila, só para pegar as *laces*¹⁴ dela quando ela trocasse. Chegou a usar *lace* uma única vez, mas não gostou da experiência. Prefere usar tranças, por se sentir mais segura como esse tipo de penteado.

¹³ Casa de bronze é um espaço onde se faz bronzamento natural, mas com aplicação de produto específico na pele e com a marcação desenhada com fita adesiva, de acordo com o modelo de marca escolhido pelo cliente.

¹⁴ *Lace Wig* vem do Inglês, onde *lace* significa tela e *wig* peruca.

Considerações finais

Entre as quatro personas sociais analisadas em profundidade, observamos atravessamentos que lhes são comuns. Porém diferenciados tecnicamente quanto ao gênero. Todas conferem importância aos cuidados com a imagem pessoal, os homens têm barbas e cabelos bem cuidados no cotidiano e no carnaval, as mulheres têm os cabelos tratados e unhas decoradas, normalmente no dia a dia e com mais cuidado ainda no carnaval, quando unha e maquiagem são decoradas de acordo com as cores do enredo anual. No quadro comparativo apresentado a seguir, encontram-se ordenados os **elementos do carnaval no cotidiano** e os **elementos do cotidiano no carnaval**, para cada persona social analisada. Esta síntese demonstra que, entre os homens, o carnaval está mais presente no cotidiano, com uso dos *kits*, camisetas temáticas e itens de vestuário personalizados da Fasinção. Percebemos que o lúdico autorizado na vida adulta masculina permeia as duas situações temporais na dialética que as relaciona. Entre as mulheres, é o cotidiano que se faz mais presente no carnaval, com os cuidados de si intensificados e a quase recusa a usar os *kits* em eventos desconectados do carnaval em situações cotidianas, exceto em algumas festas e resenhas com a turma.

A aproximação com o grupo social ressaltou relações e práticas de uma estrutura social patriarcal e heteronormativa. No dia da saída, homens cuidam de bebida, gelo, equipe de som, fogos de artifício e segurança. Nas resenhas, eles se encarregam do churrasco. Mulheres chegam em cima do horário da festa. Mulheres não participam de decisões, na maior parte das vezes. Homens decidem. Nas resenhas, homens de um lado, cuidando do churrasco ou de fazer a caipirinha, mulheres do outro lado, conversando. Nos hinos¹⁵, a menção às mulheres, “todas de shortinho”, “elas vêm de vários lugares para ver a turma”, o corpo feminino como objeto de desejo e a certeza de que elas têm atração física por eles. Brincadeiras que poderiam soar machistas em outros contextos. Porém, na convivência, não se levanta esse tipo de questão.

Em diálogo com Butler (2000 e 2003), notamos que as práticas discursivas e não discursivas do grupo social analisado caracterizam os papéis de gênero em oposição binária e se mostram na estética de vestir, nos cuidados de si e nas relações sociais¹⁶.

¹⁵ Hinos são as músicas com letras inéditas, compostas a cada ano de acordo com enredo e história da turma.

¹⁶ Judith Butler (2000) fala sobre como a categoria “sexo” é normativa. Ela cita Foucault, que denomina “ideal regulatório”, que se refere ao fato de que o “sexo” acaba por produzir os corpos que governa, ou seja, essa regulação acaba produzindo os corpos que ela controla. “Assim, o ‘sexo’ é um ideal regulatório cuja materialização é imposta: esta materialização ocorre (ou deixa de ocorrer) através de certas práticas altamente reguladas.”. E isso se dá ao longo do tempo. Com a interação/reiteração entre corpo e normas, esse “sexo” se materializa. E a reiteração é importante, porque a materialização nunca é completa. Nesse processo, surgem possibilidades de rematerialização “que colocam em questão a força hegemônica daquela mesma lei regulatória” (Butler, 2000, p. 154).

QUADRO 1 – ELEMENTOS DO CARNAVAL NO COTIDIANO X ELEMENTOS DO COTIDIANO NO CARNAVAL.

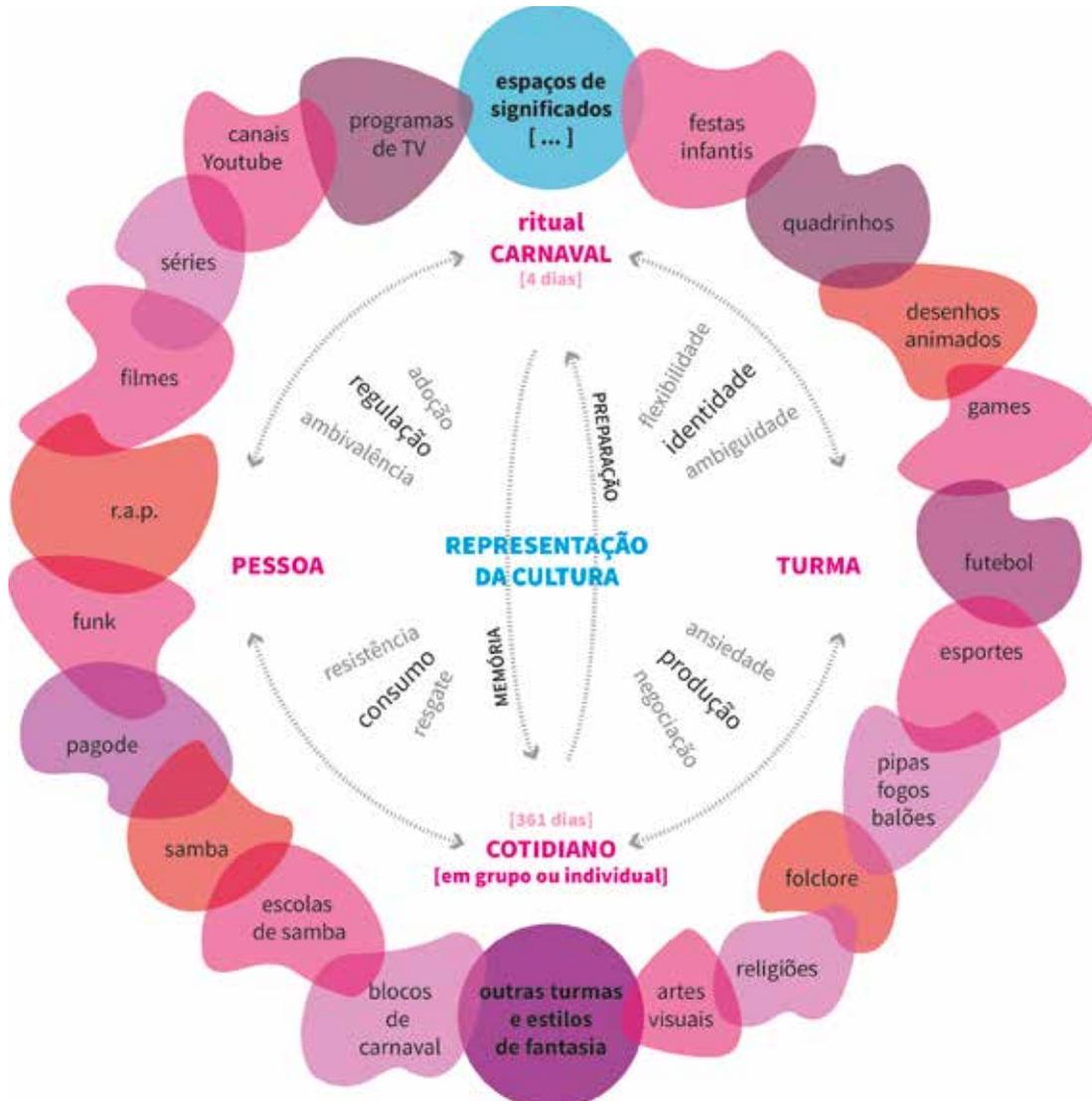
persona social	bate-bolas desde	integra a turma Fascinação desde	elementos do Carnaval no cotidiano	elementos do cotidiano no Carnaval
Buda	infância	1998, mas já participou de outras turmas anteriormente	itens personalizados da Fascinação: meias, bonés, shorts, bolsas, casacos, camisetas etc	personagens da cultura POP como temas das fantasias
			pingente com a silhueta de Bate-bola	
			anel com a inicial F (Fascinação)	
			camisetas dos kits com temática POP	camisetas dos kits com temática POP
			camiseta com símbolo da Fascinação bordado	
			camisetas dos kits com temática mística	camisetas dos kits com temática mística
o tenis usado na fantasia se torna o tenis do dia a dia	tenis esportivo do dia a dia			
Henrique	infância	2015, mas já participou de outras turmas anteriormente	bermudas e camisetas dos kits	bermudas e camisetas dos kits
			itens personalizados da Fascinação: meias, bonés, shorts, bolsas, casacos, camisetas etc	
			Wolverine é o tema da decoração do quarto do filho	Wolverine é o mascote da Fascinação
			camisetas de grupos de fantasias como o "História do Clóvis"	
			o tenis usado na fantasia se torna o tenis do dia a dia	tenis esportivo do dia a dia
Amanda	adulta	2011	somente veste as camisetas de kit em festas da turma ao longo do ano	
			cuidados com unhas, sombrancelhas, cabelos	todos os cuidados com unhas, sombrancelhas e cabelos, se intensificam ainda mais no carnaval e incluem maquiagem e unhas decoradas de acordo com o tema da fantasia
			o tenis usado na fantasia se torna o tenis do dia a dia	tenis esportivo do dia a dia
Claudia	adulta	2020	somente veste as camisetas de kit em festas da turma ao longo do ano	
			cuidados com unhas, sombrancelhas, cabelos	todos os cuidados com unhas, sombrancelhas e cabelos, se intensificam ainda mais no carnaval e incluem maquiagem e unhas decoradas de acordo com o tema da fantasia
			o tenis usado na fantasia se torna o tenis do dia a dia	tenis esportivo do dia a dia

FONTE: Elaboração dos autores.

Para cada sexo, deduz-se um gênero, um desejo pelo gênero oposto e as respectivas práticas, havendo somente duas possibilidades. A amostragem pequena não possibilita generalizações, mas identifica uma vivência do gênero de forma expressiva. Essa discussão é, basicamente, pautada por oposições binárias e todas as nuances e possibilidades relacionadas à comunidade LGBTQIAP+ estão aparecendo no grupo ainda timidamente. Mas será que este contexto representa algo muito diverso do que observamos em outros espaços por onde os pesquisadores transitam? Talvez, entre os Bate-bolas, seja um pouco menos velado, um pouco mais autorizado. Ou seriam outras condutas, que ocorrem de outras formas, que chamam atenção dos pesquisadores? Ficam indagações para um possível aprofundamento da pesquisa.

A metodologia desenvolvida para a pesquisa foi sintetizada no infográfico (FIGURA 3) baseado na teoria de cultura e representação desenvolvida por Stuart Hall (2016). Nele busca-se demonstrar a complexidade do contexto no qual se insere qualquer manifestação cultural, como os Bate-bolas e as Bate-boletes. As setas internas representam os fluxos constantes nas relações inerentes ao contexto, nas dialéticas entre grupo e indivíduo, ritual e cotidiano, entre particular e coletivo. A área interna ao contexto é entremeada por palavras que designam as possibilidades de ações que as subjetividades podem estabelecer com os vários espaços de significados que o cercam. Assim, indivíduos e grupo criam, recriam, resgatam códigos para representar as personas rituais e as personas cotidianas e, desse modo, constroem o repertório da cultura. O ritual está presente o ano todo com o cotidiano que o resgata através de memória (passado) e com os preparativos, projetos para o próximo ritual (futuro). E, nos quatro dias de Carnaval, o cotidiano permanece, pois, o ritual é no mesmo território e compartilhado com o mesmo grupo, família e amigos.

FIGURA 3 – INFOGRÁFICO: REPRESENTAÇÃO DA CULTURA BATE-BOLAS E BATE-BOLETES.



FONTE: Elaboração dos autores.

Além de termos trabalhado com um recorte de amostragem no campo do universo da manifestação cultural, ao longo do tempo em que se deram as ações da pesquisa (2017-2022) foi possível identificar mudanças nas características de sociabilidade, de estética e de gênero. Também foram observadas diferenças na criação da manifestação entre localidades, característica que o estudo não teve a oportunidade de aprofundar, mas que colaborou para a identificação de dinâmicas da cultura onde se alternam tendências de renovação e de manutenção. A respeito do retrato da manifestação que aqui apresentamos, temos consciência de que ele, em certo sentido, é efêmero, mas também de que, a todo momento, poderá ser resgatado com este trabalho e com todo o acervo de registros acumulado até aqui.

Ao analisar os resultados alcançados, constatamos que a pesquisa atendeu ao nosso objetivo geral de atualizar uma narrativa sobre o universo dos Bate-bolas, ainda que, em maior profundidade, sobre o estilo de fantasia “bexiga” e a partir de uma turma específica – compreendendo que as formas de agrupamento em turmas podem ser muito distintas quantitativa e qualitativamente. A aplicação da metodologia respondeu ao nosso pressuposto de que a cultura do vestir deste grupo social se evidencia no diálogo entre respectivos modos de vestir para o cotidiano e para o Carnaval, enriquecendo nosso conhecimento sobre a diversidade cultural presente no Brasil e na relação centro x periferia. Constatamos a validade do método investigativo, que poderá ser aprimorado e aplicado para estudar grupos sociais em festejos culturais colaborando para a reflexão acadêmica. A pesquisa abre possibilidades de aprofundamentos e desdobramentos sobre muitos dos assuntos abordados. O conhecimento por ela gerado colabora também com as práticas de mercado de moda e figurino e design em geral como modo de decodificar, analisar e projetar.

Referências

ANDRADE-SILVA, Priscila. **A persona no cotidiano e a persona no Carnaval: Bate-bolas, Bate-boletes e uma pesquisa sobre a cultura do vestir**. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, 2022.

AGIER, Michel. **Les dédoublements de soi: esthétique et politique de l'irrévérence**. In: **Mascarades et carnivals**. Organização: Christiane Falgayrettes-Leveau. Catálogo da Exposição, Musée Dapper, Paris: Éditions Dapper, 2011. p. 41-62

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BEZERRA DA SILVA, Monique. **As espacialidades de pertencimento e existência das turmas de fantasia da metrópole fluminense**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense. Niterói: 2023.

BOLLON, Patrice. **A Moral da Máscara: Merveilleux, Zazous, Dândis, Punks, Etc**. Tradução Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo**. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). O corpo educado: Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-172

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARNAVAL, Bexiga, Funk e Sombrinha. Direção de Marcus Vinícius Faustini. Rio de Janeiro: KL Produções, 2005. (30 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RLmJwblZNzc>. Acessado em: 2 de abril de 2022.

CRANE, Diane. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**. Tradução: Cristina Coimbra. São Paulo: Senac, 2006. 500 p.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ERNER, Guillaume. **Vítimas da moda?: como a criamos, porque a seguimos**. Tradução: Eric Roland René Heneault. São Paulo: Editora Senac, 2005.

GAMBA, Nilton G. Junior. **Design de Histórias I**. Rio de Janeiro: Rio Book's. 1a ed. 2013.

GASCA, Juan e Zaragoza, Rafael. **Designpedia: 80 herramientas para construir tus ideas**. 1 ed. Madrid: LID, 2014.

GOFFMAN, Erwing. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução: Maria Célia Santos Raposo. São Paulo: Editora Vozes, 1999.

GONÇALVES, Marco Antonio. **O real imaginado: etnografia, cinema e surrealismo em Jean Rouch**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Tradução: Daniel Miranda e Willian Oliveira Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

PEREIRA, Aline Valadão V. **Tramas simbólicas: a dinâmica das turmas de Bate-bolas do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

SOUZA, Jessé; colaboradores André Grillo... [et al.]. **Ralé brasileira: quem é e como vive**. 1 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas sobre uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

VELHO, Gilberto. **Individualismo, anonimato e violência na metrópole**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 6, n. 13, p. 15-29, jun. 2000.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

Revisor: Miguel Farah Neto. E-mail: farahneto@gmail.com